

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE VIVÊNCIAS COMPARTILHADAS COMO ESTAGIÁRIO NA REDE PÚBLICA E PRIVADA DE ENSINO

GUSTAVO WARKEN BORGES¹; NICOLE MACHADO CARDOSO²; CARLOS EDUARDO EGGER³; ROCHELE DIAS CASTELLI⁴

¹*Universidade Federal de Pelotas – gugawborges@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – nicolecardozo1@outlook.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – carloseduardoeggers@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – rochele_castelli@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este texto tem como fundamento o relato das experiências vividas em dois campos de estágios distintos. A experiência central será das atividades realizadas na disciplina de Estágio Básico III, com enfoque em psicologia escolar, ministrada pela professora Rochele Dias Castelli. O estágio foi realizado na E.M.E.F. Ferreira Viana, localizada no bairro Balsa, na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul.

Entretanto, para além dessa prática, há fragmentos desse texto em outras vivências, como na própria história subjetiva e escolar dos autores. Em especial, na experiência de um deles ao desenvolver atividades vinculadas ao serviço de atendimento educacional especializado (AEE) em um colégio particular na cidade de Pelotas, trabalhando dentro de sala de aula e tendo contato com vários alunos da instituição.

Como foco dessa narrativa, serão consideradas as diferenças entre as duas redes de ensino e, principalmente, as diferenças entre as percepções de futuro dos alunos discentes das duas instituições. Essas percepções serão ponderadas a partir das diferenças de classe social, na observação da infraestrutura das instituições, discursos dominantes e no desenvolvimento da própria atividade realizada com os alunos da escola pública.

Este tema se mostra relevante em um período político de discursos que visam enaltecer uma suposta meritocracia como argumento para legitimidade da posição social das classes dominantes, que não se fundamenta ao considerarmos a realidade educacional de cada um desses alunos e a facilidade de acesso a espaços mais bem valorizados e remunerados para alunos da rede privada de ensino.

Ademais, considera-se para a produção desse texto a escola como um espaço para a transmissão de saberes, porém, para além disso, a concepção dela como um dispositivo, na concepção foucaultiana do termo, em um espaço de disseminação de formas de saber-poder e produção de subjetividades e organização dos gestos, opiniões, e formas dos seres viventes (AGAMBEN, 2005).

2. ATIVIDADES REALIZADAS

As atividades foram realizadas na E.M.E.F. Ferreira Viana, dividiram-se em dois momentos. O primeiro momento foi de observação e durou três manhãs dentro da instituição. Nesse período foi possível conhecer a arquitetura, organização, funcionários, docentes e discentes que compõem o ecossistema escolar. Esse período foi necessário para compreender as demandas do local, pois não há a possibilidade de intervenção sem antes a análise do que e como se pretende intervir (BAREMBLITT, 1996).

As observações pontuais que geraram o projeto de intervenção eram relacionadas a classe social dos estudantes e a necessidade de lidar com o fenômeno da evasão escolar. De acordo com SILVA FILHO (2017) a evasão escolar

é definida pela saída definitiva do aluno do sistema escolar, sendo uma ação sobre determinada, porém, com maior prevalência em alunos pobres, por conta da falta de estrutura familiar, necessidade de ingressarem no mercado de trabalho desde cedo, vulnerabilidade social e entre outros fatores.

Por conta disso, foi planejada uma intervenção que possibilitasse a apresentação de outros futuros para os discentes do oitavo e nono ano do colégio, pois, alguns deles iriam sair do colégio por estarem no nono ano do fundamental e o colégio não possuir turmas de ensino médio. O objetivo foi que se mantivessem estudando no ensino médio, oferecendo para isso um espaço para que eles refletissem sobre seu futuro em outras instituições de ensino. Para isso foi utilizada uma pergunta disparadora que deveria ser respondida da maneira que se sentissem mais à vontade: “Como você imagina sua vida daqui a 5 anos?”.

Após a resposta da pergunta, foi aberto um espaço para que os estudantes do colégio público, caso desejassesem, pudessem falar sobre o que escreveram. Muitos ficaram em silêncio e outros se abriram quando tinham um espaço mais íntimo (somente com um dos estagiários da intervenção ao invés de se exporem para os outros colegas). Muitas respostas continham previsões otimistas, faculdades e trabalhos não especificados. Como pano de fundo estavam conquistas materiais como a compra de uma moto e uma casa, principalmente. Poucos falavam na aquisição de um carro próprio, uma moto era o suficiente para eles. Quase nenhum deles sabia o que gostaria de cursar e nem como chegar a esse local. Eles sabiam que precisavam estudar, mas como e onde não era algo que estava nítido.

Depois dessa etapa, foi realizada uma apresentação por parte dos estagiários de formas de acesso a instituições de ensino médio profissionalizantes e/ou integrais, como o Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFSUL), a escola de ensino médio Eraldo Giacobbe, que faz parte da rede de escolas do Serviço Social da Indústria (SESI), e o Colégio Tiradentes da Brigada Militar de Pelotas (CTBM-Pel). O objetivo foi divulgar essas escolas como possibilidades desses alunos terem um ensino médio de melhor qualidade para terem mais chance de ingressarem no ensino superior.

Também foram apresentados os meios de ingresso ao ensino superior, junto com a entrega de uma material informativo sobre eles na cidade de Pelotas (o PAVE, SISU, PROUNI e FIES). A reação dos alunos foi diversa. Inicialmente uma esperança e surpresa, por parte de alguns, em descobrir que o ensino superior era gratuito na UFPEL. Por outro lado, ficou evidente a tristeza em deixar a escola onde cresceram juntos, além da angústia em terem que competir por vagas com estudantes de escolas privadas.

Durante, após a intervenção e ao longo da escrita desse texto, questiono-me, se em algum momento essa mesma conversa com os alunos que trabalhei na rede privada seria necessária? Como seria o futuro imaginado por eles? Será que ao invés de pensar em comprar motos, poderiam pensar em comprar carros? Será que pensaram em abandonar a escola? E se pensassem, será que lhes seria permitida essa escolha? Será que precisam entender os benefícios de auxílio a pessoas em vulnerabilidade da UFPEL? Será que precisam se limitar às escolhas de cursos noturnos pela necessidade de trabalharem?

Quais seriam as diferenças no futuro pensado pelos alunos do colégio particular? Talvez sonhar em sair do país, ter liberdade na escolha de uma faculdade por desejo, por vocação, e não somente pela possibilidade de melhorar de vida. Provavelmente não haveria a obrigatoriedade de pensar em como conciliar a vida escolar e o trabalho, pois a partir do momento que determinados espaços somente

são acessíveis para quem não precisa trabalhar, como por exemplo cursos de graduação que necessitam de dois turnos por dia, esses locais tornam-se reservados para as classes dominantes.

Nesse sentido, o estudo realizado por OLIVEIRA (2010) com discentes das duas redes de ensino, evidenciou diferenças como o desconhecimento entre discentes da rede pública sobre o acesso à universidade e indecisão sobre o curso que desejam, refletindo uma dificuldade em pensar como ocupar esses espaços. Em contraponto a isso, o mesmo autor afirma que alunos da rede privada parecem não conceber uma inserção no mercado de trabalho que não passe por uma profissionalização no ensino superior. Também foram encontrados resultados demonstrando que somente alunos de escola pública se imaginaram ascendendo socialmente e ajudando o próximo, enquanto somente alunos da rede privada se imaginaram tendo oportunidades de estudar ou viver em outros países que não o Brasil.

Essas diferenças parecem ser fruto da posição socioeconômica que esses alunos ocupam dentro da sociedade e das condições materiais dos colégios. Enquanto a rede pública possui dificuldade em manter-se de pé, com pouco auxílio e com uma infraestrutura básica, a rede privada orienta toda sua estrutura desde o ensino médio pensando na aprovação dos alunos em universidades. Assim, o ensino seria a própria mercadoria vendida nessas instituições com vistas a um futuro próspero no ensino superior.

Portanto, comprehende-se que a desigualdade social reduz o campo de visão de pessoas em vulnerabilidade nesse cenário. Enquanto uns possuem dificuldade de imaginar com clareza um futuro em que possam se formar no ensino superior, outros nem mesmo imaginam um futuro fora dele.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora se compreenda as dificuldades materiais entre a rede pública e privada, é necessário pensar a escola para além de um dispositivo a serviço da classe dominante. Ela não deveria ser um espaço de reprodução das desigualdades sociais, não deveria oferecer condições de ensino e perspectivas tão distintas entre ambas as redes de ensino.

Tendo isso como pressuposto, é necessário compreender a lógica meritocrática e individualizante de uma sociedade neoliberal como um dispositivo, ao fundamentar que a ascensão social se dá unicamente pelo esforço individual de um sujeito implicado em sua própria realidade, esse discurso legitima a posição social da classe dominante ao partir do pressuposto que foi somente o seu esforço que o colocou naquele local, e somente ele (OLIVEIRA, 2022).

De acordo com essa lógica, as classes sociais mais vulneráveis, como os alunos da E.M.E.F Ferreira Viana, estão onde estão por conta do seu fracasso e/ou pelo fracasso de seus pais, que não se esforçaram o suficiente em suas vidas e por causa da sua falta de mérito é justa a posição em que se encontram. Dito isso, caso finalmente se esforcem, possuem claramente as mesmas oportunidades que seus pares da rede privada de ingressarem no ensino superior.

Para além disso, FERNANDEZ (2015) explicita o caráter moral e maniqueísta do discurso meritocrático, pois, enquanto o mérito é louvável por ser precursor de uma merecida fortuna, seu contrário, o fracasso, é detestável e automaticamente toda e qualquer concepção contrária ao mérito são opiniões de pessoas fracassadas que somente o criticam pelo seu próprio ressentimento, ratificando assim o próprio discurso meritocrático *ad infinitum*.

Esse dispositivo responsabiliza os alunos pelo próprio fracasso em alcançar o futuro que almejam, alegando que suas dificuldades dizem respeito a uma esfera individual, ignorando dificuldades sócio-históricas de acesso a espaços de ensino superior tanto por pessoas pobres, quanto por pessoas pretas, sendo, por conta disso, um discurso superficial e sobretudo, violento. Ademais, essas considerações dizem respeito também a como esses fatores retroagem e mantém essa parcela da população em sua condição, servindo a classe dominante para manter seu *status quo* em relação a classe dominada.

Dessa maneira, a relação entre escolaridade e pobreza é paradoxal, ao mesmo tempo que a escolaridade baixa significa a manutenção de pobreza em determinadas populações, por manter a participação dessa população em desemprego ou atuando em subempregos, a escolaridade não garante uma mudança nesse sentido, pois, a pobreza é um dos fatores associados à evasão escolar (CARARO, 2025).

Portanto, uma educação dentro das instituições públicas deve estar implicada em romper esse ciclo autopoético da pobreza, fundamentando-se realmente como associada a uma práxis verdadeira e libertadora, possibilitando assim que esses alunos entendam que apesar de todos os pesares, podem planejar um futuro que há possibilidades de se concretizar.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é um dispositivo?**. Outra travessia, n. 5, p. 9-16, 2005.
- BAREMBLITT, Gregório F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1996.
- CARARO, Marlene de Fátima. **O programa mais educação e suas interfaces com outros programas sociais federais no combate à pobreza e à vulnerabilidade social: intenções e tensões**. 2015. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória.
- FERNANDEZ, Atahualpa; FERNANDEZ, Athus. **Meritocracia e desigualdade**. Derecho y cambio social, v. 12, n. 42, 2015.
- GADELHA DE CARVALHO, Sandra Maria; MARTINS PIO, Paulo. **A categoria da práxis em Pedagogia do Oprimido: sentidos e implicações para a educação libertadora**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 98, n. 249, p. 428-445, 2017.
- OLIVEIRA, Ariane Rocha Felício de. **Meritocracia e projeção de futuro na perspectiva de jovens alunos: a ideologia do mérito na construção da “vida normal”**. 2020.
- OLIVEIRA, Isabel Cristina Vasconcelos de; SALDANHA, Ana Alayde Werba. **Estudo comparativo sobre a perspectiva de futuro dos estudantes de escolas públicas e privadas**. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 20, p. 47-55, 2010.
- SILVA FILHO, Raimundo Barbosa; DE LIMA ARAÚJO, Ronaldo Marcos. **Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências**. Educação por escrito, v. 8, n. 1, p. 35-48, 2017.